



FHE **POUPEX**

O CLUBE MILITAR E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e do de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos do Rio Grande do Sul de São Paulo ,Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Foi diretor cultural e da Revista do Clube Militar em seu centenário em 1987, quando exercia a Direção do Arquivo Histórico do Exército

Artigo digitalizado da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul , 1990, para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB ma AMAN, ora em levantamento para inclusão no Sistema de Bibliotecas do Exército.

**REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE
DO SUL**



1990 - PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

O CLUBE MILITAR E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Cláudio Moreira Bento

É consenso histórico que na Assembléia Geral do Clube Militar de 9 de novembro de 1889, sob a Presidência do tenente-coronel Benjamin Constant, por doente seu Presidente — o Marechal-de-Campo Manoel Deodoro da Fonseca e na mesma noite do histórico baile da ilha Fiscal, foi decidida a Proclamação da República. Evocar os antecedentes, projeção e a histórica Assembléia ocorrida então, na primeira sede própria de entidade, no número 155 da rua do Ouvidor, lado L junto a casa de esquina para a rua Uruguaiana é o objetivo do presente trabalho, na oportunidade do Sesquicentenário da Proclamação da República em 15 de novembro de 1989.

ANTECEDENTES

Com as mortes dos prestigiosos e heróicos senadores Marechal Manoel Luiz Osório em 1879, do Duque de Caxias em 1880, a classe militar passou a sinalizar o não-atendimento pelo governo de aspirações, justas, de natureza profissional, institucional e social (previdenciária) que terminaram por deixar o Exército, por exemplo, segundo Eduardo Prado **"esquecido, mal-organizado e desestimulado"** (1).

O Clube Militar fundado em 27 de junho de 1887, foi o desaguadouro da Questão Militar, conjunto de questões entre militares do Exército e Marinha e o Governo que feriam os brios da classe e que vieram a contribuir decisivamente para o advento da República entre nós.

O Clube Militar foi por outro lado o desaguadouro do frustrado **Diretório Militar** fundado em 1881, por um pugilo de oficiais do Exército e da Armada, entre os quais o próprio Marechal Deodoro, (2) com reuniões no consistório da Igreja Santa Cruz dos Militares, objetivando, através da conquista de cargos legislativos, lutar nos parlamentos, democraticamente, pelos interesses, da classe como militantes dos partidos Liberal, Conservador e Republicano.. Mas a realidade foi que nenhum membro do **Diretório Militar** foi eleito. Foram ignorados pelos partidos e mudaram as estratégias de luta, ao longo da qual tiveram lugar as questões militares. O Clube Militar registrou sua primeira grande vitória sob a presidência do Marechal Deodoro. ao enviar petição à Princesa Izabel em 26 de outubro de 1887, (3) pedindo para liberar o Exército do encargo de prender escravos fugidos, o que veio precipitar o 13 de maio de 1888, sendo comum então o Exército ser chamado de **Libertador** e a princesa Izabel de **Redentora** (4).

Mas a este tempo o republicanismo lavrava no Exército e Marinha entre a oficialidade jovem de major para baixo, a qual, no Exército atendia a liderança do professor tenente-coronel Benjamin Constant da Escola Militar da Praia Vermelha e Escola Superior de Guerra. A este sentimento contrário ao Império, somava-se o de desgosto de profissionais do Exército, veteranos da Guerra do Paraguai e filhos destes, particularmente sobre a liderança do heróico Marechal Manoel Deodoro da Fonseca (5). Eles sonhavam com uma atualização doutrinária do Exército, em benefício de sua maior operacionalidade, em decréscimo deliberado desde a Guerra do Paraguai, afora outras manifestações do Governo de desprestígio, alijamento e ofensas à classe militar.

Apesar de encerradas as questões militares que envolveram Cunha Mattos e Sena Madureira, outras tiveram lugar após a fundação do Clube Militar, envolvendo oficiais da Marinha, como o Vice-Presidente do Clube Militar Almirante Custódio de Mello obrigado a repor de seu bolso, despesas feitas por seu navio, o cruzador **"Barroso"**, ao retribuir no Chile homenagens recebidas do governo e povo daquele país (6). Ou, envolvendo oficiais do Exército como a humilhante exoneração a **"bem do serviço público, acompanhada de Conselho de Investigação"**, do tenente-coronel João Nepomuceno Medeiros Mallet,

da Escola Militar do Ceará, por haver reagido à nomeação de um oficial para a escola à sua revelia, atendendo a critérios políticos (7). Mallet era filho do Marechal Emílio Mallet e Barão de Itapevi, atual Patrono da Arma de Artilharia e como Ministro da Guerra em 1901 iria dar início à **Reforma Militar** (8).

O clima a esta altura no Exército era de franca conspiração contra o Império, particularmente na Guarnição Militar da Corte, nos quartéis das escolas Militar da Corte, na Praia Vermelha e Superior de Guerra em São Cristóvão e nos 1º e 9º regimentos de Cavalaria e 2º Regimento de Artilharia em São Cristóvão integrantes da 2ª Brigada do Exército, força que apoiaria efetivamente no primeiro momento, o Marechal Deodoro em 15 de Novembro de 1889 (9).

A conspiração republicana esteve intensa em outubro. Agitava o Exército a idéia de que o Governo, para subjugar-lo, iria aumentar as polícias da Corte e do Rio de Janeiro; arregimentar a Guarda Nacional; criar a Guarda Cívica e armá-las todas com espingarda Camblain e adestrá-las à altura, além de retirar algumas unidades do Exército da Corte, para enfraquecê-lo, ferindo assim os seus brios e dignidade (10). Deodoro, muito doente em seu leito, explode em cólera:

"Não permitirei isto. Voltará o 21º Bl. Irei ao parlamento responsabilizar o Governo por semelhantes atos! Assestarei a Artilharia, levarei os sete ministros à praça pública e me entregarei depois ao povo para julgar-me. Não! Não! (11).

Benjamin Constant em 23 de outubro, em discurso na Escola Militar da Praia Vermelha em presença do Ministro da Guerra, declarou a certa **altura "que o Exército era acusado injustamente de indisciplina pelo Governo que demonstrava querer um Exército de janízaros. Alertou o governo que não se julgasse forte, pois a parte sã do Exército saberia cumprir com altivez e desassombro o seu dever"** ou, por outro lado, culpou o governo pelos incidentes da **Questão Militar** (12).

Em 26 de Outubro, alunos da Escola Superior de Guerra e alguns integrantes dos 1º e 9º RC, e do 2º RA, se reuniram na Escola da Praia Vermelha e homenagearam Benjamin Constant. Reafirmaram a gratidão de todo o Exército, por ele **"haver defendido o brio e a dignidade da classe militar"** e afirmaram-lhe que estariam sempre a seu lado, com quem e por quem sacrificariam a vida se preciso fosse.

Este incidente provocou a dispensa de direção da Escola Superior de Guerra do tenente-general Miranda Reis, por não haver censurado seus alunos (13).

Era convicção, em largos círculos do Exército, de que o Governo iria dissolvê-lo para garantir o 3º Reinado.

Esta convicção era reforçada pela efetivação das seguintes medidas pelo governo, que caracterizavam sua intenção de dissolver o Exército: arregimentação da Guarda Nacional; criação da Guarda Cívica; aumento da Polícia da Corte e Rio, todas armadas com Comblain, armamento superior ao do Exército, equipado com o sistema Minié e transferência de algumas unidades do Exército da Corte (14).

Este clima de insatisfação e revolta foi o que predominaria na Assembléia Geral do Clube Militar de 9 de Novembro.

Ao findar outubro, o Clube Militar estava em situação de abandono, desde que nele se realizara uma reunião para receber os ministros da Marinha e da Guerra, recentemente empossados, com a ascensão do Partido Liberal, além de desgostoso com uma moção do Cel. Ernesto Augusto da Cunha Mattos, da Questão Militar **"que colocaria o Clube em situação de louvaminheiros"** (15), sem expressão, pois, na defesa dos altos interesses em jogo, da classe militar.

Preparação da reunião do Clube Militar

O Clube Militar no início de novembro possuía cerca de 120 sócios. No dia 3 ficou decidido entre os líderes da conspiração que o Clube teria uma Assembléia Geral no dia

9. Grandes foram os esforços dos conspiradores para que comparecesse o maior número de oficiais à mesma.

Na reunião de 5 de novembro do Clube Militar foram propostos e aceitos os seguintes 42 integrantes do Exército e Armada, muitos bastante comprometidos na conspiração republicana em marcha (16).

Coronéis:

Cândido José da Costa (x)
Joaquim Jerônimo Barrão
João Evangelista Neves da Fonseca

Tenentes-coronéis:

Ernesto Jaques Ourique

Majores:

João Nepomuceno de Medeiros Mallet (Filho de São Gabriel)
Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro (x) (Filho de Porto Alegre)
Antônio Virgílio de Carvalho
Luis Mendes de Moraes

Capitães:

Henrique Guatemosin Ferreira
Antônio Tertuliano da Silva Mello
Lídio Porpurário dos Santos Costa (x)
Vespasiano Augusto de Albuquerque Silva (x)
Manoel Joaquim Godolphim (x) 1º RC
Antônio Carlos Ferreira Leão
Floriano Florambel da Conceição (x) 1º RC
José Pedro de Oliveira Galvão

Tenentes:

Jerônimo A. Ribeiro de Moraes
Gentil Eloy de Figueiredo (x) 1º RC
Feliciano Mendes de Moraes (x)
Alcides Bruce
Sebastião Bandeira (x) 1º RC
Henrique de Amorim Bezerra (x) 1º RC
Augusto Chimeno Villeroy (x)
Lauro Nina Sodré
Saturnino Nicolau Cardoso (x) 2º RA
Américo de Andrade Almada (x) 2º RA

2º Tenentes:

Eugênio Bittencourt
Tristão A. Araripe Júnior (x) ESG
Adolfo Augusto de Oliveira Galvão (x) 2º RA
Joaquim Máximo M. de Sá (x) 2º RA

Alferes:

João Ludgero dos Santos Conny (x) 1º RC
José Vieira da Silva (x) 1º RC
Gasparino de C. Carneiro Leão (x) 10 RC
(Viera de São Paulo onde participara de incidente que acelerou a libertação dos escravos)
Alexandre Zacarias de Assunção (x) 1º RC

Alvaro de Portugal
Pedro D'Artagnam da Silva (x) 1º RC
Joaquim Ignacio Cardoso (x) 9º RC Daniel Acioly de
Azevedo e Sá (x) 1º RC
João Paulo de O. Carvalho Pedro Nolasco Alves
Ferreira (x) 9º RC
Abel Nogueira

Médicos: Dr. Luiz Carlos Duque Estrada
Henrique de Araújo Lima

O número mais expressivo foi de oficiais do 1º Regimento de Cavalaria, a começar por um dos maiores conspiradores, o então major Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro, gaúcho de Porto Alegre que iria liderar os 1º RC e 9º RC em 15 de Novembro.

Os oficiais assinalados com (x) estariam entre os oficiais que firmaram **Pactos de Sangue** com o major Benjamim Constant, depois da reunião do Clube Militar de 9 de novembro, nos dias 11 e 12” **de acompanharam Benjamin Constant em todo o terreno até o da resistência armada”.**

Os Pactos de Sangue firmados dão uma idéia do clima da reunião de 9 de Novembro, no Clube Militar.

Eles foram firmados por cerca de 160 oficiais, sendo 35 da Escola Militar da Praia Vermelha; 33 dos 1º RC e 9º RC, afora os cadetes e inferiores do 1º RC representados; 19 do 2º Regimento de Artilharia; 57 da Escola Superior de Guerra, entre os quais os mais tarde marechal Rondon e o general Augusto Tasso Fragoso, que terão papel de destaque em 15 de Novembro, além de 13 oficiais avulsos (17).

Benjamin Constant em reunião na sua casa, às 11 horas da noite de 6, com um grupo de oficiais conspiradores, fez as seguintes recomendações:

“Apressar-se o movimento militar, agindo-se secretamente e com cuidado para não comprometer o sucesso do mesmo. Realizar-se a reunião do Clube Militar de 9 com a maior descrição, ocultando as reais intenções da conspiração. Aconselhar que o 22º BI, como demonstração de disciplina, embarcasse para a Amazônia, atendendo ordem precipitada do governo. Comunicar, a todos os conspiradores, que o general Almeida Barreto havia aderido ao movimento. Cercar o Imperador, a ser deposto, de todas as garantias e considerações, porque é um nosso patrício e muito digno (18).

A reunião do Clube Militar de 9 de Novembro

Ela foi presidida por Benjamim Constant, por estar impossibilitado por doença, o Presidente — o Marechal Deodoro. Benjamim Constant expôs o motivo da convocação. Assumiu o compromisso solene de no máximo em 8 dias ou até 17 de Novembro (domingo), apresentar a seus companheiros uma solução honrosa para o país e para a classe militar. Caso fracassasse estaria disposto a renunciar todos os empregos que possuía no governo e reafirmou, com calor, **“estar pronto a morrer pelo Exército, na defesa da Pátria e dos brios da classe”.**

A Assembléia delegou-lhe poderes para resolver a situação, ou seja, a Proclamação da República.

A seguir transcreve-se a **Ata da Reunião de 9 de Novembro** que só pode ser entendida dentro do contexto que abordamos em **Antecedentes**.

"Sessão da Assembléia Geral, em 9 de novembro de 1889. — Presidência do Sr. tenente-coronel Dr. Benjamin Constant.

Achando-se presentes 116 sócios, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

Sendo lida a ata da sessão antecedente é aprovada sem debate.

Passando à ordem do dia o Sr. presidente declara à Casa os motivos qu; levaram a Diretoria, reunida a 5 do corrente, a convocar esta reunião de Assembléia Geral.

Fazendo uma exposição dos atos do Governo Ouro Preto, o Sr. presidente, disse que não precisava descer a detalhes para acentuar aos sócios deste Clube os maus intuitos do Governo para com aqueles a quem é confiada a mais nobre das missões — garantir a honra, a liberdade e a integridade da Pátria; que já estava no domínio de todos o estado de coisas tão lastimável a que a política de homens sem critério, pretendia nos reduzir; que nem um só membro deste Clube o podia ignorar, **mas que nunca pensava que lhe fossem dados plenos poderes para tirar a classe militar de um estado de coisas incompatível com a sua honra e dignidade; que a isso se comprometia sob a sua palavra de honra, e que desde já poderiam ficar cientes de que, se fosse malsucedido, resignaria todos os empregos públicos que lhe foram confiados quebrando, até a sua espada.**

Terminava o seu discurso, quando pede a palavra o Sr. alferes aluno José Beviláqua e diz que ao venerando mestre Dr. Benjamin Constant deveria ser dada pleníssima confiança para proceder como entendesse, a fim de que em breve nos fosse dado respirar o ar de uma Pátria livre, no que foi coberto de imensos aplausos.

Em seguida lembra que o Clube Militar, achando-se reunido pela primeira vez após o falecimento do bravo capitão Luis Maria de Melo Oliveira, não pode deixar de lançar em ata um voto de pesar pelo passamento de tão ilustre associado.

Neste sentido envia à mesa um proposta que foi unanimemente aceita.

Tendo o Sr. presidente declarado que resignaria todos os empregos públicos que os homens da monarquia lhe haviam confiado, caso não lhe fosse dado colocar a classe militar na posição que lhe compete, pede a palavra o Sr. tenente Ximeno Villeroy, **e diz que o mestre Dr. Benjamin Constant não deveria proferir aquelas palavras, nem sequer pensar em tal coisa; parecia não conhecer a política de homens como Ouro Preto, antipáticos, mal-intencionados e em cujo coração só germina o mal.**

Que se a Ouro Preto fosse dado, mesmo em sonho, saber que o mestre havia pretendido firmar semelhante fato, isto somente seria suficiente para fazê-lo vítima de uma cilada.

Terminado o seu discurso, pediu ao Sr. presidente que retirasse o seu modo de pensar, declarando que em defesa da grande **causa nacional o acompanharia cegamente em qualquer que fosse o terreno, no que foi calorosamente aplaudido**, o secundado pelo Sr. Dr. Anfrísio Filho.

Em vista da maneira por que foram recebidas as palavras do Sr. tenente Villeroy, o Sr. presidente acede ao seu pedido.

Manifestam alguns sócios o desejo de falar sobre o assunto, quando pede a palavra o Sr. tenente-coronel Alfredo Ernesto Jacques Ourique, e diz que **ninguém melhor que o Sr. Dr. Benjamin Constant para guiar-nos no caminho da honra, resolvendo de uma vez para sempre, de um modo o mais digno para a nossa classe, todas as questões da política desorientada de que éramos vítimas**, e que não admitindo que um só membro do Clube se pronuncie sobre tal assunto depois da palavra do Sr. Dr. Benjamin Constant, que fosse suspensa a sessão, o que foi unanimemente coberto de calorosos aplausos.

O Sr. presidente, chamando a si tão alta quão patriótica responsabilidade, declara que se não lhe fosse dado convencer aos homens do governo que eles marchavam em um caminho errado, que estava cavando a ruína da nossa Pátria, e que eram os únicos responsáveis pelo abismo que nos está destinado, que se a calma que lhe é peculiar, se os meios legais e suasórios não forem suficientes para mudar a direção de uma política caduca, política de homens completamente ignorantes, e sem patriotismo algum, estaria pronto para desprezar o que havia de mais sagrado — **o amor da família — para ir morrer conosco nas praças públicas, combatendo em prol da Pátria que era vítima de verdadeiros abutres, para o que só podia lhe fossem dados alguns dias para**

desempenhar-se de tão árdua quanto difícil missão de que foi investido pela classe a que tem a honra de pertencer.

Após estas palavras, o Sr. presidente foi coberto de uma salva de palmas e enormes aplausos. — Tomás Cavalcanti, 1º secretário. — Pedro Ferreira Neto, 2º secretário". (Os grifos são do autor)

A revolução republicana em marcha

De 9 a 15 de Novembro intensificaram-se as medidas preparatórias com vistas à Proclamação da República.

No dia 10, Benjamin visitou o Presidente do Clube Militar e comunicou-lhe a decisão da Assembléia Geral do Clube Militar. No dia 11, Deodoro recebeu em sua casa os líderes civis do movimento republicano Quintino Bocayuva, Aristides Lobo, Ruy Barbosa e Francisco Glycério que obtêm adesão de Deodoro à República (20).

Nos dias 11 e 12, cerca de 100 oficiais da Guarnição do Exército na Corte e um médico da Armada firmaram **Pactos de Sangue**, comprometendo a apoiar Benjamin Constant até o terreno da resistência armada. Nos dias 12 e 13 exemplares dos jornais **Correio do Povo** e o **Dia** penetraram nos quartéis e inflamaram os ânimos nos mesmos, **"dizendo da péssima situação que o Governo deixara o Exército"** (21).

Ainda em 13, o Marechal Floriano Peixoto, Ajudante-General do Exército, ao visitar o Marechal Deodoro, recebeu deste a comunicação **"estar a frente da sublevação do Exército contra o Gabinete Ouro Preto"**.

Segundo Ernesto Sena, em **Deodoro e a verdade histórica, "era notável a atividade empregada pelos conspiradores, que pareciam possuir o dom da ubiqüidade, não descansando um momento, percorrendo os quartéis, confabulando com os oficiais, graduados e soldadesca, e realizando conferências secretas para delineação dos planos que teriam de pôr em execução para a completa vitória"** (22).

No dia 14, à tarde, o Ministro da Guerra, Visconde de Maracaju, procurou informar-se do Marechal Floriano Peixoto Ajudante-General do Exército e recebeu como resposta:

"Estamos sobre um vulcão!".

O major Sólon Ribeiro, à tardinha, espalhou boato na rua do Ouvidor de que o Marechal Deodoro e Benjamin Constant foram presos e de que a **Guarda Negra** integrada por ex-escravos e organizada em 1888, por José do Patrocínio para defender a Princesa Izabel dos escravagistas, iria atacar a 2ª Brigada em São Cristóvão. O boato se espalhou e surtiu efeito. O Gabinete se recusou a desmenti-lo. E quando o fez, já era tarde!

Ainda a 14, à noite, Benjamin Constant conspirou no Clube Naval com o almirante Wandenkolk acerca de colaboração da Armada. Na manhã de 15 ele obteve a confirmação da adesão daquela entidade, através de trocas de mensagens das quais foram portadores, a cavalo, os alferes alunos da Escola Superior de Guerra, Tasso Fragoso e Cândido Mariano Rondon.

A Proclamação da República

Na manhã de 15 de novembro de 1889, uma sexta-feira, o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Presidente efetivo do Clube Militar, secundado por outro destacado membro de sua diretoria, o tenente-coronel Benjamin Constant, liderando tropas da Guarnição do Rio de Janeiro, (Corte) (Exército, Armada, Polícia e Bombeiros) penetraram no Quartel General do Exército, local do atual Palácio Duque de Caxias, onde se reunia o Gabinete Liberal do Visconde de Ouro Preto. E, como feliz desfecho de uma bem-urdida, sucedida, coordenada e incruenta conspiração republicana, o Gabinete foi deposto, sem nenhuma resistência ou protesto expressivo. Assim segundo Pedro Calmon, **"Deodoro apoderou-**

se da situação, conquistou o Governo e passou a presidir o futuro", proclamando a República à tardinha em sua casa, através do Decreto nº 1, do Governo Provisório que passou a presidir, regime consagrado mais tarde pelos constituintes de 1891.

Da Diretoria do Clube Militar tomaram parte os seguintes componentes do Governo Provisório.

Presidente da República — Marechal Manoel Deodoro da Fonseca

Ministro da Guerra — tenente-coronel Benjamin Constant

Ministro da Marinha — Almirante Eduardo Wandenkolk.

Sobre a proclamação da República escreveu Euclides da Cunha.

"Foi o que se viu em 15 de Novembro de 1889: Uma parada repentina e uma sublevação; um movimento refreado de golpe e transformando-se, por um princípio universal, em força e desfecho feliz de uma revolta, porque a revolução já estava feita" (23).

Os seguintes sócios do Clube, eleitos constituintes ajudaram a escrever a primeira constituição da República, em 1891 (23).

—Antônio Borges de Athayde Júnior (ES)

—Antônio índio do Brasil (PA)

—Belarmino Augusto de Mendonça Lobo (PR)

—Caetano M. de Faria e Albuquerque (MT)

—Carlos A. Campo (SC)

—Custódio José de Mello (BA) (x)

—Eduardo Wandenkolk (DF) (x)

—Gabino Bezouro (Corte)

—Inocêncio Sercedelo Correia (Corte) (x)

—Ivo do Prado Monte Pires da Fonseca (SE)

—João Pedro Belfort Vieira (MA)

—João Severiano da Fonseca (Corte) — Atual Patrono do Serviço de Saúde

—José Augusto Vinhões (Corte)

—José Beviláqua (CE)

—José Simeão de Oliveira (PE) (x)

—Lauro Müller (SC)

—Manoel Perciliano de O. Valadão (SE)

—Marciano A. Botelho Magalhães (PR) (x)

—Pedro Paulino da Fonseca (AL)

- Vicente Antônio do Espírito Santo (x) Foram da 1º Diretoria do Clube Militar.

Na proclamação da República o Clube Militar através de seus ilustres dirigentes Deodoro, o proclamador e Benjamin Constant o fundador da República, expressavam a vontade centenária de milhares de republicanos, tanto civis como militares, fossem eles bacharéis ou povo, padres ou antiescravagistas, maçons ou industriais, plantadores de café ou simplesmente agricultores.

"Uniram-se no marechal Deodoro as vontades dispersas e informes que tinham ficado ao longo do caminho a espera do advento da República. Nele se exprimiram dois séculos de tradição republicana. Através dele falaram os inconfidentes mineiros, os poetas da Inconfidência, os libertários pernambucanos de 1817 e 1824, os rio-grandenses farroupilhas, os civilistas de São Paulo, os militares, os abolicionistas ...A nova bandeira unia simbolicamente as 21 estrelas da nação e se na crise final faltou calor popular, não se poderá negar a raiz popular a idéia mais generosa que jamais brotou no Brasil" (24).

Eis em síntese a contribuição histórica do Clube Militar, ao advento da República Brasileira, hoje centenária.

Notas

- (1) Citado por Américo J. Lacombe, *Revista do Centenário do Clube Militar*, nº 280, p.12
- (2) Citado por Garcez Palha em *Efemérides Navais*. Sv. Doe. Geral da Marinha, 1988.
- (3) Citado por Cláudio Moreira Bento, *Revista do Clube Militar*, nº 284, pp. 8-9.
- (4) Idem nota anterior. (05). Com apoio em depoimento ao autor, de Piragibe da Fonseca do IHGB, filho do general Clodoaldo da Fonseca.
- (5) Citado por Cláudio Moreira Bento em *A Guarnição Militar do Rio de Janeiro (Corte) na Proclamação da República*. Rio, Poupeex, 1989.
- (6) Citado pelo Ten-Cel Gonçalves Meira, em Centenário da Escola Militar do Ceará, conferência no Arquivo Histórico do Exército, 24 mai 1989.
- (7) Com apoio em informação ao autor do Ten-Cel P. J. de Mallet Joubim.
- (8) Idem nota 6. (10). Com apoio em Ernesto Senna. *Deodoro subsídios para a História. Brasília*, Ed. V Bra, 1981.
- (11) Idem nota anterior. (12) SILVA, Hélio. 1889. *A República não esperou amanhecer*. Rio, Civ. Bras. 1972, p. 17. (13). Com apoio em declaração de Vicente Tapajós do IHGB, biografia de Miranda Reis. (14) Com apoio op. cit. nota 10. (15). Idem nota anterior. (16). Com apoio revista do *Cinqüentenário do Clube Militar*, 1937. (17). Com apoio op. cit. nota 10, p. 491. (18). Com apoio op. cit. nota 10. (19). O original encontra-se no Museu do Clube Militar. (20). Idem op. cit. nota 6. (21). Idem op. cit. nota 10. (22). Idem nota anterior. (23). Citado op. cit. nota 6. (23). Idem op. cit. nota 3, p. 27, (24). BESOUCHET. A evolução da idéia republicana no Brasil. *Estado de São Paulo*. São Paulo, 13/06/87.

(*) A diferença entre o armamento Minié e Comblain segundo o Cel. Pedro Chirmer, estudioso de Armamento **"era como a de um carro de boi para um caminhão"**. A Minié era de antecarga ou de carregar pela boca, calibre 14, 8mm e 14, 4mm. Conseguiu-se que um atirador desse 16 tiros em 1 hora e 45 minutos. A Comblain era retrocarga carregamento pela culatra, com cartucho metálico calibre 11mm. Possuía maior cadência de tiro e precisão. Era, pois, justa a indignação do Exército ficar com armamento obsoleto e a Polícia e a Guarda com Comblain.

A autor sobre a Proclamação da República publicou os seguintes trabalhos principais.

A guarnição do Rio de Janeiro na Proclamação da Republica Álbum FHE POUPEX 1998.

O Exército na Proclamação da Republica. Rio de Janeiro: SENAI.1989.

Deodoro – destino de um soldado. *Revista do Brasil*.ano IV nº8/89 p.39/47. Disponível digitalizada em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br